

# Arte, moda e imagem: o frenesi da modernidade na década de 1920

Francisco Isaac D. de Oliveira<sup>1</sup>

Figura 1: Dress for the Race-track by Beer de Pierre Brissaud



Fonte: June 1920 Gazette du Bon Ton. Art, Vintage posters, Art deco fashion.  
In: (FIELL; DIRIX, 2014).

Cores em tons pastéis, uma feminilidade aflorada na arte da moda e muito espumante. Essa é uma das primeiras vistas para quem vê uma iconografia dos anos 1920, o estilo de vida retratado nessa imagem era reservado para uma elite econômica que detinha o poder de fazer as coisas acontecerem nas artes, no cinema, na política e em todas as nuances da vida cultural, fosse na Europa, Nova York, Buenos Aires ou no Rio de Janeiro.

Na ilustração de Pierre Brissaud do início da década de 1920, podemos ver uma elegante mulher em primeiro plano, ela se destaca pela sua beleza branca, roupa impecável, chapéu da moda com direito às muitas frivolidades que o poder econômico lhe dá; ao fundo, vemos os cavaleiros—jóqueis e os engravatados—numa reunião social, “coisas para homens”. A vida nos anos 1920 ainda era muito ditada por homens e para os homens. A pergunta da ilustração é “*Jouerai-je?*” (Devo jogar?), assim como em Paris ou Londres; as cidades brasileiras estavam recebendo essas informações por meio dos impressos diários e semanais, os jornais e as revistas ilustradas espalhavam as novas informações, e as mulheres começaram a se sentir provocadas e encorajadas pela circulação das ideias e pelos grupos políticos que as apoiavam, as leis de igualdade de gênero davam passos lentos, mas progressivos em direção à modernidade.

<sup>1</sup>Editor de livros, bibliófilo, Mestre em História e Espaços pela UFRN, doutorando em História Social pelo P.E.P.G/PUC-SP. ID Lattes: 8219464387604183. ORCID: 0000-0003-2630-9949.E-mail: isaacdantassotemum@hotmail.com.

Como podemos observar na imagem, a vida social ainda era predominantemente masculina, e para a mulher era reservado o espaço da beleza, das modas e para reproduzirem os códigos da já mencionada feminilidade, ser feminina, agir como mulher. As roupas denunciavam os papéis de cada um na imagem, ou seja, mulher elegante, homens em *black tie*, e os jogadores, todos juntos numa sinfonia de tons pastéis. Porém, a vida não se resumia ao luxo dos tons e dos tecidos dos dourados anos 20. Principalmente no Brasil, nos bastidores eram negras e negros, ex-escravos que ainda mantinham esse poderoso estilo de vida dos desfiles de moda durante o delírio das corridas dos cavalos.

Mesmo com tanta “modernidade”, é a Nova República e seus recursos públicos federais que irão patrocinar essa explosão econômica e essa efervescência cultural nas elites fluminense, paulista e pernambucana, aí nos indagamos, será que éramos tão modernos assim? Existia um poderoso discurso liberal, mas as nossas elites não largavam o osso saboroso do Estado. Então, quem experimentou essa tal modernidade? Quem foram as pessoas que aproveitaram essas benesses? Existia igualdade entre homens e mulheres? Existia igualdade em ser mulher branca e negra nessa época?

A imagem é bela, mostra um estilo de vida que não era para muitos, só um seleto grupo podia aproveitar os tecidos, as modistas, os acessórios, os charutos, ter acesso aos clubes de tênis e aos desportos; a instrução técnica/profissional ou clássica também era reservada a poucos jovens e adultos, uma vida exclusiva para uma elite que descendia dos grupos hegemônicos europeus.

A imagem propagandista de uma roupa feminina pode nos dar subsídios para pensarmos em muitas problemáticas da história do Brasil. Uma história que já sabemos, é desigual nas oportunidades oferecidas para mulheres negras e brancas, pois sabemos foi excludente e exclusivista em todos os sentidos. Cultura, política e vida econômica eram para quem fosse branco; pardos, negros e índios eram subjugados e abandonados pelas encostas urbanas. Será que éramos tão modernos assim?

## Referências

BURKE, P. **Testemunha ocular: o uso de imagem como evidência histórica**. São Paulo: Unesp, 2017.

CARDOSO, R. **Impressos no Brasil, 1808–1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Modernidade em preto e branco: arte e imagem, raça e identidade no Brasil, 1890–1945**. São Paulo: Cia. das Letras, 2022.

CASTRO, R. **Metrópole à beira-mar: o Rio de Janeiro dos anos 20**. São Paulo: Cia. das Letras, 2019.

DEL PRIORE, M. Gilberto Freyre: modos, sem modas, de fazer a história. In: FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher**. São Paulo: Global, 2009.

FIELL, C.; DIRIX, E. **A moda da década 1920: um panorama completo e ilustrado da indumentária e da beleza nos anos loucos da Era do Jazz**. São Paulo: Publifolha, 2014.

FREYRE, G. Modos de homem & modas de mulher. In: São Paulo: Global, 2009.

GINZBURG, C. **Medo, reverência, terror: quatro ensaios de iconografia política**. São Paulo: Cia. das Letras, 2014.

Recebido em 19 abr. 2022. Aprovado em 18 nov. 2022.